

**Discurso proferido na sessão de 27 de julho de 1956,
publicado no DCD de 28 de julho de 1956, página 6258.**

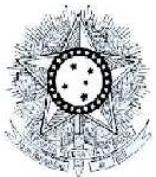
O SR. HERMAN SILE ZUAZO (Presidente da República da Bolívia). (Movimento geral de atenção. Palmas.) – Exmo. Sr. Presidente, Excelentíssimos Srs. Deputados. O Brasil é, na América, a nação da jovem façanha. Frente à imensa selva e aos largos rios de seu território, o brasileiro vai afirmando sua vontade de domínio com a obstinada valentia dos que querem fazer história exemplar. Cada dia amanhece sobre a dilatada geografia do Brasil a proeza de uma nova aldeia, semeada no coração de suas distâncias pelo empenho dos pioneiros que acreditam na virtude construtiva dos instrumentos de trabalho.

Poucos povos no mundo estão dando contribuições mais significativas à civilização como o Brasil, país adolescente, que já empreende tarefas de adulto. Enquanto em outras latitudes é avançada a cultura da destruição e os sábios arrancam da Natureza demoníacos segredos de morte, aqui se busca, sobre o solo virgem de nossa América, o pão que revigora e tonifica a vida, convidando os homens à mesa providencial do bem-estar compartilhado.

Para nós, latino-americanos, que encaramos o porvir com generoso otimismo, o exemplo do Brasil, com suas energias postas a serviço da humanidade é tonificante paradigma. Se a América constitui a reserva da raça humana, o Brasil será um dos engalanados do nosso continente. Quando sobre os espaços vazios que ainda salpicam seu território desperte o rumor das multidões em marcha, o mundo terá recebido uma das contribuições mais robustas e originais para o eterno afã de renovação que é o signo imperecível da estirpe humana.

Não é exagero dizer-se que, pela primeira vez, nos anais da História, uma grande nação comparecerá ao cenário universal sem pagar-lhe tributos à guerra. Somente a sabedoria das árvores truncadas pelos colonos é o troféu que receberá o Brasil quando sua população chegar a assenhorar-se de todos os limites de seu patrimônio geográfico.

Mas as selvas não são o único testemunho do impressionante desenvolvimento do Brasil. Nas cidades vive-se a fecunda epopéia da expansão industrial que é a característica mais predominante de nossa época. Grandes aglomerações urbanas, onde a atividade representa um modo peculiar de vida, dizem-nos que neste país domiciliou-se



Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História - Série Estrangeira

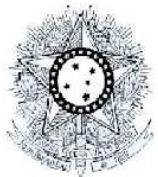
o progresso contemporâneo. A velha civilização pastoril que os conquistadores trouxeram, o cultivo da terra por métodos arcaicos que conheceram outros séculos, a dependência dos mercadores exteriores, são aspectos que já caminham em direção ao ocaso, num Brasil cuja indústria cresce com um ritmo que nos recorda o das nações avançadas, quando estavam fazendo seu aprendizado de grandeza.

Não é necessário apresentar estatísticas ou possuir especiais dotes de penetração histórica para profetizar que o Brasil será uma potência industrial de primeira ordem. As variadas riquezas que guarda seu solo e a valentia bem comprovada de seus filhos traduzir-se-ão, numa amanhã que já é possível pressentir, em vastos empórios de trabalho. A complicada tecnologia que veio acumulando a civilização mecânica será dominada pelos brasileiros e nestas terras, que até agora têm dependido de outros centros para o seu avanço, forças colossais erigirão seu lar para acender a chama do progresso próprio.

Nada vale a prosperidade econômica ou as façanhas da colonização, se no plano espiritual se viver sob a sujeição da injustiça ou se suportar o domínio rude das desigualdades. Quase todos os sociólogos que tem estudado a evolução do Brasil concordam em destacar a democracia sem discriminação racial que se pratica em seu território. Ante a tolerância brasileira, desaparecem os absurdos preconceitos que em outros continentes inflamaram o combustível das guerras e lançado sobre a história humana espantosas vergonhas. A convivência de todas as raças que foram proporcionando o Brasil o melhor de sua idiossincrasia é talvez uma das fontes perenes de seu vigor anímico.

Quando se contempla o Brasil em toda a sua magnitude, o espírito sente compaixão por quem dentro das amuralhadas tribunas da ciência européia, atestaram a incapacidade do homem dos trópicos – mestiço, o índio e o negro – para construir culturas brilhantes que fossem suscetíveis de alargar o patrimônio comum do gênero humano.

Na Literatura, elevam-se nomes como o de Euclides da Cunha, que deixou em um estilo que recorda o impetuoso despenhar das cataratas o retrato de uma terra onde o duelo entre a civilização e a barbárie se travou em presença desse personagem telúrico que é sua paisagem alucinante. A investigação sociológica de Gilberto Freire tem escassos paralelos, por sua penetrante sinceridade. Na Música, os compositores brasileiros estão encontrando as claves da harmonia da América, feita de dor e de



Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História - Série Estrangeira

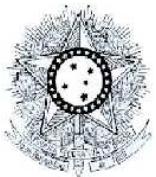
esperança. Com uma sensibilidade própria, que não é arremedo de cânones europeus, senão a acomodação do coração às coisas de sua geografia e de sua gente, as sinfonias são como que a elevação das selvas e seus habitantes aos planos de uma lírica prenhe de sugestões. Cultura profundamente americana, formada com a argila das angústias nacionais, sem fugas e evasões, a do Brasil é o espelho que convida a refletir sobre os deveres da inteligência, no empenho de forjar países.

A cultura é uma sublimação do espírito que se escapa às alturas do gozo para depurar, com o sonho generoso os toscos elementos que encerra a substância humana.

Há também uma cultura material que é um conjunto de instrumentos logrados pela investigação para facilitar a luta contra a Natureza. Nesse terreno os cientistas brasileiros têm lições que estão abertas às preocupações do homem do nosso tempo. O esforço silencioso desse grupo de sábios brasileiros que, há lustros, vem lutando contra o flagelo das enfermidades, como Quixotes cuja adarga é o microscópio e cujas lanças estão no fervor com que cruzam o seu país para descobrir e vencer males, já se está plasmindo em resultados positivos de grande alcance. A maravilhosa arquitetura do Brasil é expressão genuína de um meio que tem peculiaridades intransferíveis e um formoso caso de adaptação prática às realidades circundantes. Talvez no País de V. Exas. se esteja efetuando essa síntese de cultura que, unindo o belo ao útil, constituiu o sonho dos romanos e continua sendo uma das empresas intelectuais mais cobiçadas da humanidade. O brilho, claridade latina e o espírito prático de outras raças é um ideal que aguarda sua realização no âmbito americano, onde o homem dominando a Natureza é uma resposta a todas as esperanças.

Contemplamos o espetáculo do desenvolvimento brasileiro com as pupilas isentas de inveja ou apreensão. Sabemos que na América não são tidos como naturais os sistemas do equilíbrio de poder nem as rivalidades nacionais que mancharam de ignomínia a evolução histórica de outros continentes. Aqui todos os povos são iguais, seja qual for sua potência demográfica, sua dimensão territorial ou seu grau de progresso econômico, uma vez que aqui existe um dos fundamentos morais mais sólidos de nossa concepção de mundo livre.

A Bolívia, está excepcionalmente qualificada para interpretar, compreender e acompanhar o Brasil em seus propósitos de redenção humana. Fizemos uma revolução que encerra em seu bojo muitos dos princípios pelos quais combateram sucessivas gerações de brasileiros ilustres. A constante tão singular da história boliviana levou-nos à



Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História - Série Estrangeira

barricada. Suportamos no passado a trágica oscilação do pêndulo da política entre os extremos da ditadura sombria e as explosões anarquizantes de caudilhos que não tiveram noção exata de seu roteiro. Essa característica conferiu à história da Bolívia uma constante de dureza, na qual purgaram seus anelos, em rude penitência cívica, muitos de nossos melhores homens, condenados por uma adversa realidade à frustração que advém da obra truncada.

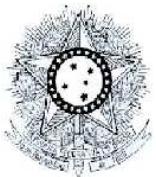
A trajetória do Brasil teve menos azares e, em sua evolução, os historiadores assinalam a presença de um espírito de tolerância que não sossobrou sequer nos momentos dos mais intempestivos abalos. Aqui os ideais da democracia e a justiça foram abrindo caminho sem ter que impor severos exercícios de insubordinação inevitável. Há, porém, em nossa revolução e no progresso político do Brasil o rasgo compartilhado de povos que, com os instrumentos que sua específica conjuntura lhes impôs, procuram lavrar seus próprios destinos para perfilhar a personalidade nacional e dar assento duradouro à convivência humana.

Na Bolívia desterramos para sempre o opróbrio que pesava sobre as maiorias nacionais. Desde a Colônia e como eternos reféns de uma vitória cruenta; as massas indígenas do País vinham carregando a dor da conquista. Proscritos em seu próprio solo, como disseram os precursores de nossa independência, os camponeses da Bolívia se viram privados de todos os seus direitos e receberam o tratamento que se dispensa aos prisioneiros de guerra.

Foi a contenda fratricida do Chaco, da qual os fundadores do meu partido participaram como soldados, que nos permitiu fazer uma radiografia da realidade boliviana, que posteriormente, desde o Parlamento, projetamos ante nossos compatriotas para formar uma nova consciência popular.

Assim, os homens do campo e da cidade, sobre os quais recaíam as inquietudes e o menosprezo, não abjuraram de suas esperanças e nos recônditos mais íntimos do coração o imperativo da justiça os convocava à luta, até que em seu ânimo, esgotada já a capacidade de sacrifício, eclodiu o protesto. Sucessivas insurreições falidas, esmagadas pela repressão cruenta serviram de escola preparatória que culminou quando, em abril de 1952, o dilema de nossa história que se resume em dois pólos – povo e minorias – teve sua explosão final.

Em meu país instaurou-se uma democracia autêntica, que não é torneio de simulações, senão convivência fecunda de todos os cidadãos, no unânime esforço para



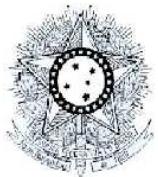
Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História - Série Estrangeira

cimentar uma pátria justa. As últimas eleições foram o testemunho irrecusável das modificações que se operaram na estrutura econômica, social e política da Bolívia.

O novo dever cívico de sufrágio universal derrubou as barreiras da separação racial, e todos os bolivianos se sentiram depositários de um sentimento comum de renascimento nacional. Temos agora uma coletividade que já não se isola em compartimentos separados por absurda discriminação de cor. Índios, brancos e mestiços, todos os homens que foram o rico espectro racial de nosso povo, se juntam em policromica bandeira humana para o afã criador que não cogita de procedências nem distingue posições sociais. Somos uma nação que recobrou seus atributos e que já não carrega fardos de amargura nem se abisma no vazio do estancamento secular.

As características, tão particulares de nossa realidade, nos induziram a delinear, para a revolução que estamos impulsionando, caminhos específicos que rechaçam os moldes que engendraram, para seus problemas, as sociedades mais avançadas do planeta. O liberalismo clássico de comercial e produzir sem barreiras é, na América Latina, uma mercadoria ideológica atualmente sem substância e susceptível de acarretar inesperadas e trágicas consequências. Não é estranho, para quem analise com vivo ânimo crítico a história de nossos povos, que o liberalismo econômico haja conduzido, na América Latina, à formação de monopólios privados que chegam a afogar, como no caso da Bolívia, a expressão da soberania nacional. O sistema liberal requer, historicamente, condições que não existiram, nem existirão, porque os progressos do planeta o tornam impossível, na vasta família de nações que compartilham a zona latina de nosso continente. Mas este diagnóstico sociológico não pode levar-nos à conclusão, que seria temerária, de que devemos ensaiar os postulados de um socialismo excludente que faça do Estado, o centro em torno do qual gira toda vida econômica da coletividade. O socialismo, como toda arquitetura política, demanda clima e condições especiais que não encontraria, na América Latina, sequer o mais obcecado buscador de fórmulas. Quase todos os países de nosso hemisfério se defrontam com problemas de caráter progressista, apelar para um saudável ecletismo em cujo seio convivam harmoniosamente as experiências e anelos que demarcaram a marcha do homem nos últimos decênios.

Na Bolívia, para impedir o retorno dos monopólios que nos estrangularam, malogrando as possibilidades do País, instauramos o controle do Estado sobre certas riquezas básicas. Ali prevalece o sentido da nacionalização das minas, que não pende

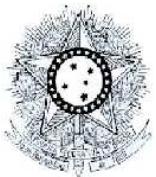


Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História - Série Estrangeira

para outro objetivo nem tem causa diferente da necessidade de salvaguardar a soberania da Nação, subjugada, noutros tempos, pela tutela de interesses que não concordavam com as aspirações coletivas. Temos vivido, e ainda vivemos, das explorações mineiras, e seria irresponsável cegueira deixar esse recurso à vontade exclusiva de particulares, em quem a dinâmica da economia poderia suscitar o desejo de restaurar os monopólios que cancelamos. Mas esta intervenção direta do Estado, em alguns ramos primários de nossa atividade econômica, não leva à negação da livre empresa. Somos um país pobre em capitais, cujo povo realiza múltiplos labores com instrumentos primitivos. O índice de poupança é bastante baixo. Nossa tarefa, nessas condições, consiste em estimular a formação de capitais, conferindo garantias, compatíveis com os soberanos direitos da Nação, às empresas locais ou estrangeiras que queiram trazer bens e técnica para o nosso desenvolvimento coletivo. O sentido de nosso novo código do petróleo reside precisamente na urgência de reunir capitais, para que os recursos de nosso território não continuem inutilmente jacentes, enquanto milhões de bolivianos nos pedem que elevemos seu nível de vida.

Nossa política de convivência das organizações governamentais com as companhias privadas se transladará a outros ramos da economia boliviana, nos quais outorgaremos aos investidores garantias dentro do limite das instituições democráticas, a ordem social e jurídica surgida da revolução boliviana e o respeito à nossa soberania.

Na agricultura boliviana destruímos o latifúndio improdutivo que mantinha em cativeiro duas terças partes da população, freando o desenvolvimento nacional e tornando impossível a incorporação de vastas massas à vida política e econômica do País. Em pleno Século XX perduravam, no solo boliviano, instituições que recordavam a Idade Média, com a sua carga de serviços curvados ante o senhor em repulsiva oblação de obediência forçosa. E enquanto em nossas cidades nascia a indústria e as minas já trabalhavam com instrumentos modernos, na agricultura subsistiam os sistemas de produção da época do Império Incaico. Esse cúmulo de contradições foi liquidado pela Reforma Agrária, que devolveu a terra aos lavradores que a cultivam secularmente. Abrimos, assim, o campo às transformações dos tempos modernos. Sobre as terras ontem possuídas pela ociosidade de senhores feudais, criamos um sistema cooperativo que permite a penetração da cultura e da técnica até aldeias onde imperaram o analfabetismo e o abandono. Mas não estamos promovendo uma organização que exclua, no campo, a ação da iniciativa privada que, com sã intenção progressiva, seja

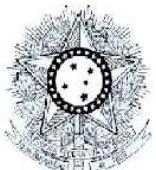


Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História - Série Estrangeira

capaz de melhorar e aumentar a exploração da terra. Numerosas companhias agrícolas e genuínos pioneiros de nossa pátria dedicam-se a estender nossas frentes de trabalho até os remotos confins da geografia boliviana. Com a proteção do Estado essas empresas agrícolas contribuíram para dar ao campo, em nosso país, um aspecto variado, onde estão presentes diferentes modalidades de produção.

Quando as maiorias adquirem direitos, impõe-se a sua participação na condução do governo. Na Bolívia, os trabalhadores – já não são simples máquinas produtoras, mas homens que recobraram a dignidade – intervêm no manejo das instituições mais essenciais do País. Sua presença se faz sentir no Gabinete Executivo, onde representantes seus trabalham com a abnegação e o desprendimento que distinguem a quem tem causas a defender e aspirações a acautelar. O Parlamento da Bolívia já não é o círculo exclusivo, uma espécie de clube mundano político onde se pronunciavam discursos sem transcendência, que falavam à vaidade e criavam fugazes prestígios, pessoais. Agora, os filhos do povo, trabalhadores que lutaram durante décadas contra a opressão, camponeses que sonharam com sua própria parcela, intelectuais que não frustraram suas ânsias de emancipação nacional, garantem ali o jogo de uma democracia que não se resume em palavras, porque tem compromissos com a história e obrigações com o futuro.

Depois de haver invertido a estrutura social da Bolívia, dando curso à manifestação justiceira das massas, podemos comparecer ante a América com o exemplo de uma liberdade, que é um bem que não se regateia. À disputa eleitoral concorreram livremente as mais contraditórias correntes ideológicas. E o plebiscito popular que ratificou nossos títulos ao governo significou, entre outras coisas, a confiança da Bolívia na solidez de sua democracia. Se cremos nos destinos do homem, se abolirmos barreiras e preconceitos, incorreríamos em deslealdade negando a todos os bolivianos o exercício da liberdade. Temos a satisfação, o orgulho de haver erigido um regime no qual se concilia o progresso material com as prerrogativas do espírito. A nova Bolívia, como o Brasil, não contempla, ensimesmada, seus triunfos, para deleite de egoísmos subjetivos. Estamos forjando uma diversificação econômica que liquidará a monoprodução que tanto nos prejudicou. Mas não esperamos confiar essa diversificação nos limites do território boliviano, porque cremos que na América se faz necessária uma coordenação de esforços, entre os diferentes países que torne mais vigorosa a solidariedade continental. O desenvolvimento da personalidade nacional tem de projetar-se a todo o Hemisfério, em forma de



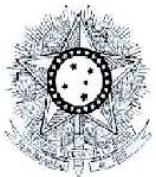
Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História - Série Estrangeira

contribuição para o progresso do Continente. A América seria uma ficção se se diluísse em vinte e tantas soberanias absolutamente escudadas na reticência e no receio. A Bolívia oferece os recursos que vá descobrindo a tenacidade agora liberada de seus filhos a todo o concerto continental e aspira a beneficiar-se, sem privilégios das conquistas que alcancem suas irmãs nas sendas da economia ou da cultura.

Dolorosa contradição dos tempos modernos na América tem sido a supervivência do isolamento e ainda da retração entre países que têm aperfeiçoado a sua solidariedade. Enquanto se unificaram os propósitos acima das mesquinharias nacionais, a América parece compacta ante os olhos do mundo. Muitos países, embora fronteiriços vivem em cego divórcio.

Cremos chegada a hora de compreender a tentativa de vincular-nos mais estritamente nos diversos domínios da atividade humana. As características que nos conferem individualidade, dentro do conjunto continental, são conjuntura propícia a um intercâmbio que responda aos interesses do progresso. A Bolívia localiza, paulatinamente, novas fontes de riqueza que hão de servir para o trabalho da máquina. Temos combustíveis preciosos, minerais dos mais variados tipos, produtos agrícolas procedentes de diferentes climas. Tudo isso constitui uma veio potencial de comércio que está aberta às necessidades dos povos irmãos. Reciprocamente, o Brasil já possui uma indústria que pode subministrar seu concurso, em máquinas e experiência, aos países que, como a Bolívia, estão aventurendo seus primeiros passos no terreno de sua transformação econômica. Por que nos fechamos na obstinada distância artificial? Juntemos nossas vantagens em um tráfico permanente que permite o congraçamento de esforços, e haveremos superado tantas dificuldades quantas se interponham na marcha dos povos jovens, quando uma política equivocada os condena a contar com seus próprios recursos. Respeitando-nos no plano político, zelosos de nossos toros, mas conscientes da mancomunidade a que estamos destinados, assentamos a unidade continental sobre bases mais tangíveis que os propósitos platônicos cuja beleza formal não ilumina realidades.

A América, como toda coletividade humana, está construindo seu futuro nas entranhas mais recônditas de seu ser social. Os povos que já se libertaram e têm na democracia sua alavanca irrenunciável de ação contribuirão para edificar o sistema avançado de convivência internacional que preocupou tanto os sonhadores do nosso passado. O Brasil e a Bolívia – atrevo-me a dizer – são atualmente obreiros tenazes



Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História - Série Estrangeira

dessa tarefa de solidariedade continental que haverá de aperfeiçoar-se, quando a América, em toda as suas latitudes, encontre os caminhos de seu bem-estar, às vezes perdidos mas nunca olvidados pelos povos que clamam e lutam. No Brasil e na Bolívia impera a democracia; o sufrágio é sua insígnia comum; a tolerância constitui para ambos um mandato de humanitária nobreza e o trabalho pacífico significa, nos dois países, uma atitude permanente ante a vida.

Nesta hora tão povoada de perspectivas ofereçamos esses bens em humilde, mas exemplar homenagem à América e ao mundo. A conjugação de propósitos pacíficos é a melhor contribuição para a humanidade, quando as pugnas e os extravios conturbam o seu espírito e frustram suas virtudes. (Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas).